

# Prémio CES atribuído a Alexandre Marcussi

**Ciências Sociais** Centro de estudos da Universidade de Coimbra distinguiu tese de doutoramento de professor da Universidade Federal de Minas Gerais

Alexandre Almeida Marcussi, professor de História da África na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), é o grande vencedor da 10.<sup>a</sup> edição do Prémio CES para Jovens Cientistas Sociais de Língua Portuguesa. Em nota de imprensa, o Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra revela que o júri - constituído por Cristiana Bastos (Instituto de Ciências Sociais), José Castiano (Universidade Pedagógica de Moçambique), José Neves

(Universidade Nova de Lisboa) e Raquel Maria Rigotto (Universidade Federal do Ceará), e presidido pelo director do CES, Boaventura de Sousa Santos - «elegeu como vencedor, por unanimidade, Alexandre Marcussi, com o trabalho “Cativoiro e Cura - Experiências religiosas da escravidão atlântica nos calundus de Luzia Pinta, séculos XVII-XVIII”».

O trabalho distinguido, sintetiza o CES, «consiste numa análise das práticas religiosas de



**Cientista** Alexandre Almeida Marcussi, de 33 anos

origem africana conhecidas como calundus, denominação aplicada a cerimónias disseminadas na América portuguesa entre os séculos XVII e XVIII, frequentadas por africanos, afrodescendentes e brancos».

«Os calundus possuíam funções eminentemente divinatórias e terapêuticas, e as suas origens culturais remontavam às práticas religiosas das sociedades abundas e baongas da África Centro-Occidental. Partindo da análise de um processo movido pela Inquisição de Lisboa contra Luzia Pinta, praticante de calundus na região de Sabará, Minas Gerais, em meados do século XVIII, esta pesquisa intenta esclarecer os sentidos sociais e simbólicos dessa prática terapêutica afro-luso-americana», assinala o CES.

O trabalho (que foi a tese de doutoramento de Alexandre Marcussi) empreende também

uma discussão a respeito dos papéis ocupados por essa prática religiosa na sociedade imperial portuguesa, abordando as relações que os calundus e seus praticantes mantinham com alguns dos principais fenómenos e instituições que estruturavam a sociedade luso-americana, como a religião católica e a escravidão.

Alexandre Almeida Marcussi, de 33 anos, doutorado (2015) em História Social pela Universidade de São Paulo, é professor de História da África na UFMG desde 2016.

O prémio, no valor de cinco mil euros, foi nesta edição financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian. Atribuído de dois em dois anos, pretende destacar «a produção científica de jovens investigadores/as de língua portuguesa no âmbito das Ciências Sociais e Humanidades», observa o CES. ◀